

## Bernardino de Santa Rosa, a Física Simbólica e a «Renascença Portuguesa»

O século XVIII hispânico é percorrido por duas grandes polémicas, geradas em livros. Uma partiu da língua portuguesa, e foi protagonizada pelo *Verdadeiro Método de Estudar*, de Luís António Verney. A outra travou-se em virtude do *Teatro Crítico Universal* (9 vols., Mad., 1726-1740) do galego Padre Benito Geronymo Feijóo. Ambas tiveram o condão de envolver, em actos de reciprocidade, mentores de todos os estados peninsulares, e ambas contribuíram para acelerar o processo de mutação que o Iluminismo impôs a Portugal e a Espanha. Sincrónicas e convergentes, mais do que paralelas, as polémicas serviram de apoio uma à outra, e criaram nos países hispânicos o clima de reformas, tornadas actos oficiais no último quartel do século XVIII. A pressão iluminista nos países peninsulares assumiu audazes e vultuosas proporções, as quais, em vez de facilitarem um trânsito suave, introduziram uma fractura de profundidade, fractura essa não raro acompanhada de violência estatal, como ocorre, no nosso país, durante o consulado pombalino.

O ideário do Padre Feijóo perturbou de forma notória e notável a cultura portuguesa. Importavam-se muitos exemplares do *Teatro Crítico Universal*, lidos com avidez, apoiados pelo sucesso da filosofia natural ensinada pelos Padres do Oratório e pelas apologias de António Pereira de Figueiredo. Uma tradução portuguesa, abreviada, elaborada por Jacinto Onofre e Anta, apareceu em Coimbra (2 vols., 1746 e 1748), numa data em que vários escritores se encontravam presos na vasta rede polémica anti-e pró-Feijóo. A polémica, uma como árvore, abre-se em ramos. Inicialmente, são os aspectos da introdução e da difusão da obra de Feijóo, a apresentação de um Índice da mesma obra elaborado por um português, e os panegíricos de D. Francisco Xavier de Meneses, Conde da Ericeira. Depois, quando o *Teatro* é lido e reflectido, surgem as publicações, nónimas, pseudónimas e anónimas, já em defesa, já em combate ao ideário naturalista do escritor galego. Tais publicações abordam em múltiplas instâncias a enciclo-

pédia do saber universal, debatendo as teses de Feijóo na mitologia, na medicina, na psicologia, na física, etc. As reacções contam-se pela quantidade de opúsculos então publicados<sup>(1)</sup>.

A polémica em torno do ideário de Feijóo origina uma sub-polémica, tendo por causa a refutação que, do *Teatro*, efectuou o dominicano Fr. Bernardino de Santa Rosa, vimaranense de nação e tomista conimbricense, que, em geral, se considera valor da etnografia, isto é, da «cultura popular», mediante um fabuloso recurso ao primado da imaginação, funcionando em oposição à razão experimentalista defendida por Feijóo.



BERNARDINO DE SANTA ROSA (n. Guimarães, 15.8.1707) tomou este nome ao professar na Ordem dos Pregadores. Qual o seu nome civil é aspecto que ignoramos, embora admitamos que do sobrenome faria parte o patronímico Cardote. Com efeito, ao editar o primeiro tomo do *Theatro do Mundo Visível*, o P. José Soares da Affonseca Cardote, reitor do Mosteiro de S. Martinho de Sande (Guimarães) do arcebispado de Braga, declara ser «irmão do Author»<sup>(2)</sup>. Filho de Manuel Pereira Soares e de Maria Pereira Fontes, aos 16 anos (8.9.1723) professou no Convento de Guimarães da Ordem dos Pregadores de S. Domingos de Gusmão, onde exerceu várias funções, até se fixar no Colégio de Santo Tomás dos Dominicanos de Coimbra, em cuja Universidade obteve (31.7.1739) o grau de Doutor em Teologia. Até aí fora leitor de Artes na Universidade de S. Domingos da cidade do Porto, segundo um dos primeiros biógrafos, o padre Fr. Pedro Monteiro que, dada a pouca idade do biografado, pouco mais adianta, embora já o considere entre os letrados escritores da Ordem<sup>(3)</sup>, apesar de, em 1739 — data da publicação do inventário de Pedro Monteiro — o frade vimaranense só se haver dedicado a escrever poemas panegíricos, como esse, inédito, feito na morte da infanta D. Francisca de Portugal (+ 15.7.1736), filha de D. João V, acerca da qual, na infausta data, apereceram inúmeras produções poético-panegíricas<sup>(4)</sup>. O dominicano Pedro Monteiro estava bem relacionado na côrte joa-

(1) Cf. A. A. Andrade, *Verney e a Cultura do seu Tempo* (C., 1966) 138-147. A ampla informação constante desta fonte isenta-nos do dever de indicar essa bibliografia em minúcia.

(2) Santa Rosa, *Theatro do Mundo Visível*, frontespício.

(3) Pedro Monteiro, O. P., *Claustro Dominicano*, Lanço III (Lx.ª, 1739) 84.

(4) António Caetano de Sousa, *História Genealógica*, VIII, 257-259.

nina, sendo presumível que ele mesmo se encarregou de fazer chegar o poema de Bernardino aos destinatários, decerto com obtenção de algum favor adequado ao jovem, que tinha de prosseguir estudos. Mestre de «ciências severas» — Filosofia e Teologia — na sua Ordem, exerceu as funções de Qualificador do Santo Ofício de Coimbra (tal como Pedro Monteiro em Lisboa) em cujo desempenho proferiu importantes despachos e juízos acerca de obras impressas no seu tempo na cidade do Mondego, onde também foi Reitor do Colégio de Santo Tomás que a Ordem dos Pregadores possuía em Coimbra <sup>(5)</sup>.

Dos juízos e pareceres da sua autoria — que serão importantes para verificar a sua posição crítica face ao movimento intelectual da época — ainda carecemos de uma pesquisa bibliográfica identificativa, mas conhecemos os despachos atribuídos a obras do mestre coimbricense Francisco de Pina e de Mello (o autor celebrado da *Balança Intelectual*, rigoroso exercício mental do século XVIII). Um dos despachos concerne ao poema épico-polémico, de controvérsia filosófico-teológica, *Triumpho da Religião* (1756). Bernardino de Santa Rosa considera-o altíssimo em literatura clássica, sábio em doutrina, e capaz de criar uma obra que, no final, resulta como «guerra geral aos sectários» <sup>(6)</sup>. Outro parecer, ao mesmo autor, para o discurso sobre o Terramoto de Lisboa, dá a exacta medida do que Bernardino pensava acerca do fenómeno, perante as correntes naturalista, providencialista e iluminista, que tentavam dar uma explicação para a desgraça. No princípio, diz Santa Rosa, vivia convencido da teoria naturalista <sup>(7)</sup>, de que tudo se devia a uma «subterrânea mina», mas, depois de ler o *Juízo* de Melo, ficara elucidado tratar-se da voz de Deus, a falar pela voz dos elementos.

Veja-se a subtil transferência: na tese naturalista, os elementos são a causa; na tese providencialista, os elementos são o meio por onde a vera causa procede. Seguindo a teoria providencialista, adoptada por judeus e cristãos anti-pombalistas, como Pina de Melo, Bernardino de Santa Rosa veio a concluir que os aspectos naturais foram

---

(5) Barbosa Machado, *Biblioteca Lusitana*, IV, 76-77.

(6) Santa Rosa, *Parecer ao Triumpho da Religião* (C., 1756), *ab initio*. Pina de Melo é o autor de um Soneto que antecede, em louvor do autor, a terceira oração de Santa Rosa acerca de Santo Tomás. Também D. Francisco Rebelo da Cunha escreveu um «Romance Endecassílabo» para o fim do primeiro tomo do *Theatro do Mundo Visível*.

(7) Cf. P. Gomes, *A Filosofia Hebraico-Portuguesa* (P., 1981) 381-400, as teses setecentistas apresentadas em virtude do terramoto de 1755.

apenas o efeito da causa divina, da Justiça divina, contra uma Lisboa prenhe de lascívia, latrocínios, iniquidades, delícias, jogos e bailes<sup>(8)</sup>.

Historiador, poeta, matemático e teólogo, exerceu repetidas vezes o magistério do púlpito, deixando impresso um sermão, proferido nas exéquias do Cardeal da Cunha, de cujas relações era. Contudo, os seus dotes oratórios foram exercidos com maior frequência no Colégio de Santo Tomás de Coimbra, pregando, já na capela, já na Academia colegial. Aqui, de facto, pronunciou pelo menos — que saibamos — seis orações panegíricas em louvor de Tomás e da filosofia tomista, por isso que importa mencionar Bernardino de Santa Rosa entre os últimos tomistas do século XVIII. Como pregador e teólogo o apresenta o censor Fr. Francisco Xavier de Topia, na crítica oficial à *Oração Fúnebre* de 1752. Bernardino de Santa Rosa unia, diz o censor, «os delicados primores da oratória, com a sólida eficácia das cadeiras», sendo «ambidextro em as duas Teologias, Escolástica, e Expositiva»<sup>(9)</sup>.

Controversista, atento adversário da heresia, que olhava como «serpente do Egipto»<sup>(10)</sup>, a sua principal obra, o *Theatro*, é um texto na linha da melhor controvérsia exegética, e os inéditos, cujos títulos possuímos, referem para uma actuação, já de didáctica tomística, já de combate aos acontecimentos eventualmente heterodoxos.

Ignora-se a data da sua morte, embora saibamos que ainda era vivo quando (1759) Diogo Barbosa Machado publicou o IV tomo da *Biblioteca Lusitana*. Inocêncio diz mais ou menos o que extraiu do abade de Sever, mas nada acrescenta sobre a morte do pregador<sup>(11)</sup>, embora escrevesse a notícia em 1867. A nosso ver, tomando como ponto de referência a sua última publicação (1758), Bernardino de Santa Rosa deve ter falecido cerca de 1760, com uma idade que ultrapassava em pouco o meio século, e que lhe foi de pouca simpatia.

Inocêncio Francisco da Silva, bibliógrafo honesto e de longo curso, teve perante a sua obra uma indesculpável fraqueza. Ao elaborar a notícia bibliográfica, refere que Camilo Castelo Branco escrevera um folhetim no *Diário de Notícias*, depois reeditado em livro<sup>(12)</sup>, sobre o *Theatro*, sem ter visto o livro. Em contrapartida, apesar de raro, Inocêncio dizia possuir um exemplar havia mais de vinte anos. E lança então sobre o referido livro uma série de epítetos — «armazém

(8) Santa Rosa, *Parecer ao Juízo sobre o Terremoto*, 5.

(9) Fr. Francisco Xavier de Topia, in Licenças da *Oração Fúnebre* ao Cardeal da Cunha, 16.

(10) Santa Rosa, *Oração Fúnebre*, 1.

(11) Inocêncio, *Diccionario Bibliographico*, VIII, 388.

(12) Camilo Castelo Branco, *Cousas Leves e Pesadas* (P., 1867) 99-112.

de despropósitos, e absurdos peripatéticos» — no que lhe assistia direito. Mas, com base nisso, recusa dar e procurar outras informações sobre Bernardino, isto é, não cumpre o que promete: levantar a bibliografia portuguesa sem curar dos próprios gostos.

Pelo que nos foi possível indagar, a sua obra literária é a seguinte:

1. *Theatro do Mundo Visivel, Filosofico, Mathematico, Geografico, Polemico, Historico, Político, e Crítico, ou Colloquios Varios em todos os géneros materiais, em os quais se representa a Formosura do Universo, e se impugnaõ muytos discursos do sapientissimo Fr. Beni'o Jeronymo Feijóo*. Ditadas a hum seo particular amigo, pelo [...]. Tomo I. Dado à luz pelo R. José Soares da Affonseca Cardote, Reitor do Mosteiro de S. Martinho de Sande, do Arcebispado de Braga e irmão do Author. Coimbra, Luís Secco Ferreira, 1743.
2. *Discurso Apologctico em defeza do Theatro do Mundo Visível*. Coimbra, Luís Secco Ferreira, 1743.
3. *Oração funebre nas Exequias do Eminentissimo e Reverendissimo Senhor Nuno da Cunha de Ataíde, Presbytero Cardeal da Santa Igreja Romana, e Inquisidor Geral destes Reinos, celebradas pelo rect'issimo Tribunal da Santa Inquisição de Coimbra*. Coimbra, id., 1752.
4. *O Sábio de Aquino Santo Thomaz, Anjo das Escolas, Principe dos Theologos, Mestre Comum do orbe Litterario, e quinto Doutor da Igreja elogiado em varias orações Académicas, primeira oração*. Coimbra, id., 1754.
5. *O Sabio de Aquino Santo Thomaz, [...] segunda oração*. Ib., 1756.
6. *O Sabio de Aquino Santo Tomaz, [...] terceira oração*. Ib. 1757.
7. *O Sabio de Aquino Santo Tomaz, [...] quarta oração*. Ib. 1757.
8. *O Sabio de Aquino Santo Tomaz, [...] quinta oração*. Ib., 1758 (13).
9. *O Sabio de Aquino Santo Tomaz, [...] sexta oração*. Ib., 1758.
10. Licença do Qualificador para *Triumpho da Religião. Poema Épico-Polemico* (Coimbra, 1765) de Francisco de Pina e de Mello.
11. Juízo e Aprovação do Qualificador para *Juízo sobre o Terramoto* (Coimbra, 1756) de Francisco de Pina e de Mello.
12. *Elegiae in Mortem D. D. Franciscae Portugaliae Infantis*. Cód. ms. B. N. Lisboa, 3266 (datado de 1736).

---

(13) Não conseguimos ver esta *Oração*.

13. Manuscritos inéditos, de paradeiro desconhecido:
- a) *Theatro do Mundo Visivel*. Tomo II.
  - b) *Colyrium Philosophicum Thomisticum*.
  - c) *Cogitationes Theologicae Scholastico-Dogmaticae ad mentem Angelici Doctoris*.
  - d) *Judicium censorium pro communiore Thomistarum sententiae de reprobatione negativa, seu de exclusione reproborum à gloria tanquam beneficio indebito adversus neperum Germaniae Theologum*.
  - e) *Epistola Theologico-Dogmatica ad Clarissimo Virum D. D. Fr. G. qua tertiae litterae D. Sulmanar ex regia Parisiorum Urbe (ut aiunt) profugi, et ex Londino adversus plures Catholicae Veritates classicum noviter, intonantis refeltuntur, et prosligantur* <sup>(14)</sup>.



Se calar Aristóteles é emudecer Santo Tomás, legítima devém a conclusão de que o anti-aristotelismo dos filósofos do século XVIII se completa ou fecha no anti-tomismo dos teólogos do mesmo tempo. O anti-aristotelismo setecentista, em vez de exercitar a perscrutação da metafísica que Aristóteles inseria nas descrições da *naturalia*, preferiu um recuo material e formal, em busca de uma física não-metafísica, de uma física que chamaríamos de objectualista, pré-ocupada com o objecto em si mesmo, e não ocupada com a função gnoseológica, simbólica ou lógica, do objecto em sua ideia. O percurso termina em um recurso, pelo que a filosofia anti-aristotélica, em vez de ultrapassar Aristóteles pela frente, cispassa-o, isto é, passa para trás dele, numa indagação que é obviamente pré-aristotélica, mais próxima das especulações perifísicas do pensamento fenomenológico dito pré-socrático, do que dos exercícios metafísicos do pensamento que, de Aristóteles, ascende para o realismo mediano, esse que, no objecto físico verifica, já o objecto, já a sua significação para o que indaga, mesmo que o objecto não exista tal qual é pensado. O século XVIII cai numa nova forma de *cepticismo*, que é a teoria da dúvida metódica, em oposição ao realismo, que é a teoria da crença progressiva. Tamanho cepticismo afluía à teologia expositiva e, pois, à dogmática, de onde a justiça da prudência que via, no cepticismo, uma nova forma de ateísmo,

---

<sup>(14)</sup> Lista bibliográfica elaborada com base em Barbosa Machado, *ob. cit.*, e pesquisas pessoais na B. N. Lx.<sup>a</sup>.

que passava pela recusa de toda a metafísica e, pois, de toda a física simbólica.

Bento Feijóo havia-se proposto desterrar a ignorância da Espanha. Para ele, a ignorância é o aristotelismo, a tendência para ascender às altas abstrações metafísicas, olhando de longe as comuns razões da natureza, ficando distantes do conhecimento real e físico<sup>(15)</sup>. Por outras palavras: um aristotélico discursa sobre a «fénix renascida». Esse discurso é ignorância, porque não há fisicamente «fénix renascida», logo, tal discurso é um discurso sobre coisa nenhuma. Por isso, para a física objectualista, só é real o fisicamente dado, recusando direito de mente ao real que não seja fisicamente dado como físico, objectual, domínio do sentido e da experiência. Feijóo distingue filosofia sistemática e filosofia experimental. A primeira é a aristotélica, em que, por virtude do primado do pensar, só o pensamento é real; a segunda, de cariz baconiano, assume que o pensamento só pode pensar o que é. A inversão sobre: primado do ser em vez do primado do pensamento. Os sistemáticos (leia-se: metafísicos e simbólicos) tiram a realidade de si mesmos, são como aranhas que, nas entranhas mentais, constroem subtis teias de vãos raciocínios inúteis<sup>16</sup>. Em contrapartida, os filósofos experimentais são como abelhas: reúnem matérias verdadeiras e, com elas, criam o mel. Aristóteles é, pois, uma aranha. Não pensa o que lhe é dado, antes dá o que pensa, decerto sem coalisão entre o seu ideal e o real a que dá o ideal. Então, a física aristotélica é uma metafísica (antes se diria simbólica), uma física sem subsistência física. Feijóo nega lugar ao objecto que, não existindo no espaço físico, pode existir no espaço mental da criação simbólica. Só é real o que, existindo *fóra* de mente, vem a existir *na* mente, por virtude da experimentação objectualista. A filosofia deve projectar o que está de fora para a mente, mas deve evitar projectar o que está dentro da mente para o mundo de fóra. O real do pensamento não lhe advém do criacionismo do pensamento; o real do pensamento é o que lhe advém da realidade do ser.

A anti-metafísica de Feijóo constitui-se uma anti-simbólica. Nenhum conhecimento simbólico, nem mesmo o que se projecta no conhecimento crítico, é aceitável. Só o conhecimento sensista, física-lista e objectualista é admissível. Ora a física aristotélica, sendo metafísica é uma física simbólica, por exemplo: se numa parede vejo gravado um *peixe*, terei duas leituras: se for com Feijóo, pensarei que o

---

(15) Feijóo, *Teatro Crítico Universal*, III, 13, 35.

(16) Id., *Apologia do Cepticismo*, 42.

peixe é objecto de pescar/comer; se for com Aristóteles, pensarei que esse peixe gravado é um símbolo, possivelmente desenhado por algum cristão, para assinalar mensagem a outro. Na física objectualista, o símbolo não tem lugar. A coisa vale por ser coisa, e como tal sabida, não vale por ser não-coisa, com irradiação de leitura para além dela, exista ou não exista fisicamente.

Saltando da versão filosófica para a versão teológica, resulta claro que a rejeição da física aristotélica leva à rejeição da metafísica tomista. E da negação do objecto mental é fácil transitar para a rejeição do sujeito teológico, por isso que o anti-aristotelismo significou uma filosofia do meio, isto é, do mundo como se apresenta a um cego, uma filosofia sem princípio e sem fim, portanto sem «alfa de todas as letras»<sup>(17)</sup> — cognome que Santa Rosa atribuíra a Santo Tomás de Aquino.

Se os escolásticos processavam a defesa de Aristóteles, os teólogos processavam a defesa de Tomás de Aquino. Esta defesa leva ao surgimento de um tomismo que, sistemático na aula iniciática, se apresenta apologético, por vezes panegírico, na aula acusmática, perante a profanidade. Aqui não se trata de ensinar a filosofar segundo Aristóteles ou segundo Tomás, trata-se de sublinhar os predicados, dons e virtudes do aristotelismo e do tomismo. Bernardino de Santa Rosa, que nas aulas teológicas exercitava o ensino de filosofar e de teologizar segundo Aristóteles/Tomás, nas academias escolares abertas ao público preconiza a apologia tomista. Com esse propósito proferiu seis orações panegíricas, em que apresenta o Aquinate em suas qualidades vivas: «sábido do entendimento» e «sábido do coração»<sup>(18)</sup>, pesquisador dos segredos ocultos, autor de «celsa, clara, firme sententia»<sup>(19)</sup>, defensor da graça e pregoeiro da glória, «discípulo de Deus e condiscípulo dos Anjos»<sup>(20)</sup>, todo razão, superior ao conhecimento que é dado aos sentidos dos homens, — «ate quidam honos»<sup>(21)</sup>, que funciona como anagrama de Tomás de Aquino.

Para um pensador como Santa Rosa, as ideias de Feijóo correspondiam às de um homem que tivesse esvaziado um açude, às de um desertificador da natureza, às de uma hecatombe simbólica. De repente, toda a natureza deixava de ser um livro de sinais, para se transformar num armazém de coisas. Jamais o cousismo atingira, no rio do pensa-

(17) B. Santa Rosa, *Oração III*, 23.

(18) Id., id., 3.

(19) Id., *Oração II*, 5.

(20) Id., id., 7.

(21) Id. *Oração VI*, II.

mento humano, tamanho grau. Tudo é coisa, nada é símbolo. Tudo é física.

Para combater o ideário de Feijóo e salvar a concepção metafísico-simbólica do mundo criado, visível e invisível, Bernardino de Santa Rosa pensou, escreveu e mandou publicar uma obra notável de espírito novo, de visão renascentista, de optimismo regeneracionista, de preenchimento simbolista, *Theatro do Mundo Visível*, situado exactamente no espaço temático e problemático em que Feijóo situara o *Teatro Crítico*: o mundo matemático, geográfico e histórico, ou seja, o mundo físico. Conseguiu, desse modo, um discurso quodlibético, a que não faltam a prudência catequética da forma dialogal, nem o sentido da proporção arcádica do serão ou da sessão, discurso propiciador de uma reacção anti-Feijóo, e de uma restauração da simbologia desfeiteada, restauração essa prosseguida no decurso de dezasseis colóquios entre mestre e discípulo, durante o dia, enquanto as coisas discutidas são visíveis. «Alentado antagonista de Feijóo»<sup>(22)</sup>, Bernardino conclui o primeiro tomo com uma violenta invectiva — *Forte Invectiva ou Veemente Declaração contra os Erros dos Ateístas* — em que, sem mencionar Feijóo, visa declará-lo ateu. Nas dezasseis sessões áulicas do *Teatro*, jamais Bernardino profere o juízo inquisitorial acerca de Feijóo. Limita-se a tomar o tema e a discuti-lo, em antítese ao pensador de Orense. Mas, concluídas as sessões, no lugar próprio, como que sem envolvimento pessoal, Bernardino acusa Feijóo de «defensor da eternidade do Mundo»<sup>(23)</sup>, de ingrato ateuista — «se tens olhos para ver os céus, também tens entendimento para conhecer a Deus»<sup>(24)</sup>. Todavia, este entendimento é difícil ao «infelix Ateísta» que julga contemplar a formosura do Universo, mas ignora a verdadeira existência do Artífice que lhe deu o ser.

A publicação do *Theatro* causou uma avalanche de opúsculos, uns em pró, outros em contra de Bernardino. A polémica foi tão grave que, segundo notícia do mesmo Feijóo<sup>(25)</sup>, Bernardino de Santa Rosa decidiu não publicar o segundo tomo da obra, justamente por causa da tremenda reacção provocada em Portugal e em Espanha.

Participaram nesta polémica, além de anónimos, autores quais Francisco Xavier da Silveira Bellaguarda, Francisco José Torres, Vitoriano Semedo Madureira, Mateus da Costa Barros, Luís Caetano dos

---

(22) Id., *Teatro do Mundo Visível*, prólogo ao Leitor, decerto escrito por Cardote.

(23) Id., 387.

(24) Id., 392.

(25) Feijóo, *Cartas Eruditas*, IV, Dedicatória.

Serafins, uns favoráveis, outros desfavoráveis. Mateus da Costa Barros assumiu posição moderadora, nem tanto ao mar, nem tanto à terra<sup>(26)</sup>. Pena foi, no entanto, que a avalanche de pública censura não tivesse facilitado as conclusões que seriam de esperar de Santa Rosa, decerto mau físico, mas superior metafísico e simbolista, que, ao sê-lo, se situa na linha não-verneiana do pensamento português e, logo, na genealogia dos mestres espirituais da «Renascença Portuguesa».



Feijóo negou todas as filomítias da física aristotélica e clássica. Bernardino de Santa Rosa visa demonstrar a realidade dessas filomítias, pelo que a sua obra é um compêndio teórico-simbólico de antropologia, cosmologia e teologia. Visando dar uma sumarizada noção do seu percurso, tentaremos alinhar algumas das teses.

Feijóo nega a realidade da Atlântida, mas o dominicano prova logicamente a sua existência no mar Atlântico<sup>(27)</sup>. Contra Aristóteles, Feijóo nega que o fogo etéreo exista no cõnvavo da lua, enquanto o pregador restaura o ensino de Aristóteles. Contra o iluminista, o dominicano argumenta que o Paraíso existiu, e ainda existe, — «é o lugar genuíno destinado na terra para a felicidade dos homens inocentes»<sup>(28)</sup>, possivelmente em lugar desconhecido. A existência do Reino do Preste João, negada por Feijóo, é dada como segura pelo opositor, que diz: tal existência é pelo menos «moralmente certa». Contra Feijóo, Bernardino diz que o ouro é primogénito do Sol, por ao metal mais nobre corresponder a causa mais sublime, o Sol<sup>(29)</sup>. E há gigantes e há pigmeus, contra o juízo do galego, por isso que a Bíblia se lhe refere, antes do Dilúvio. O mundo está cheio de rémoras, délfios, unicórnios e basiliscos, contra o que a cegueira de Feijóo julga ver. A rémora existe nos mares, e os unicórnios — em sublime texto abordados por Santo Alberto Magno — dormem no regaço das donzelas. É sinal de estupidez a negação do «canto do cisne», pois o hábito do último canto do cisne pertence a uma variedade de cisnes, o cisne cantor, o que aliás

---

(26) Cf. Mateus da Costa Barros, (Castanheira, 18-8-1746), *Discurso Apolo-gético e Crítico da Ave Fénix, sua criação e metamorphose*. Lx.<sup>a</sup>, 1745, escrito contra o Propugnáculo das Astúrias (Feijóo), em parte contra o seu amado sócio, Fr. José de Torres, e em parte contra Bernardino de Santa Rosa e Fr. Luís Caetano dos Serafins.

(27) Santa Rosa, *Teatro*, 370.

(28) Id., id., 36.

(29) Id., 92.

ficou demonstrado na história natural moderna<sup>(30)</sup>. Com efeito, segundo o pregador, a mais notável qualidade do cisne é o doce canto enquanto morre, sendo, por isso, figura do estoicismo cristão: viver bem e morrer melhor<sup>31</sup>. O mundo está prenhe de sereias, marinos e anfíbios, tanto como está sujeito aos «horrendos fenómenos», como chuvas sanguíneas e batalhas aéreas.

Transitando da simbólica sideral, marinha e aérea para a mítica nacional, e contra Feijóo, Bernardino defende a situação de *Ophir* e de *Társis* na região de Entre-Douro-e-Minho, silogizando que o *Ophir* salomónico não é na Ilha de Espanha achada em 1482, mas entre os rios Douro e Minho, como, de resto, preconizou um seu confrade de Ordem, Fr. João de Santo Tomás. Braga é de facto, contra Feijóo, a primogénita dos Celtas<sup>(32)</sup> e a língua galega é que deriva da portuguesa. Na terra portuguesa houve elefantes, os quais vinham de África, através dos nossos portos, etc., etc., num discurso de tipo *bizantino*, na melhor acepção da ideia: ver, nas cousas separadas, o fio que as une, o olhar que vê a transparência através do opaco. A leitura simbólica por excelência.

Então, para Bernardino, o mundo não é uma máquina. É um livro, uma pintura e um cântico de Deus, só em *literal inteligência* se podendo assumir qual máquina<sup>(33)</sup>. Com efeito simbólico, o mundo, cântico divino, não existiu desde sempre. A sua idade é indefinível e, como palavra de Deus, foi criada a um domingo, o Dia do Senhor. O Dia do Senhor é o dia da criação do mundo.

Das figuras simbólicas propugnadas pelo frade vimaranense, a mais atacada foi a da Fénix Renascida<sup>(34)</sup>. «Espada na mão contra o sapientíssimo Feijóo»<sup>(35)</sup>, na real estrada da verdade, o pregador arvora-se em inteligente e subtil defensor do mito, que tem realidade objectual, contra o parecer ingrato e ateu de Feijóo. Em primeiro lugar, a Fénix existe; em segundo lugar, não é única, pois, se fosse única, acabara; em terceiro lugar, não é uma ressurreição vulgar; em quarto lugar, sustenta-se do orvalho do céu; em quinto lugar, vive no Egipto<sup>(36)</sup>. «Quando sente próxima a sua morte, prepara um monte de Aromas, e deposita neles os seus ovos, aos quais comunicam tal

(30) Cf. Cláudio Basto, *O Canto do Cisne*, Guim., 1933.

(31) Santa Rosa, *ob. cit.*, 225.

(32) *Id.*, 82.

(33) *Id.*, 4-5.

(34) Cf. *Desterro de uma Figura*, C. 1744.

(35) Santa Rosa, *ob. cit.*, 378.

(36) *Id.*, 346.

vir'ude os raios do Sol, que abrasando-os no mesmo aparato de Aromas fazem sair da consumida casca os esclarecidos Filhos da Fénix» que nascem ao mesmo tempo que a mãe se extingue em cinzas<sup>(37)</sup>. Resumindo tudo isto à simbologia renascentista significa-se: a vida nasce da morte, a morte é a vida que se transforma. Por isso que, sexto e recapitulando o tema segundo Bernardino, a Fénix é a imagem de Cristo<sup>(38)</sup>. A insensibilidade simbólica de Feijóo não lhe permitiu ver esta luz.

Feijóo é o mestre-escola, com Luís Verney, de uma tradição nominalista, anti-simbólica, quando não assimbólica, que abriu as vias aos vencedores da vida. Vias essas, que foram tais e quais as que os poetas e pensadores saudosistas, criacionistas e novacionistas não puderam seguir, enquanto os que julgaram poder segui-las se afastaram, passada a crise de orientação. Analisada a obra mental de Bernardino de Santa Rosa, líquido e nítido fica a que genealogia espiritual ele pertence. Na negativa sabemos, pelo menos, que não é da esfera dos que reduziram o horizonte simbólico e mítico do conhecimento humano; e que, pois, não se insere na linha que, rotunda em Verney, material em Feijóo, se fecha, em pragmática utilitarista no sérgismo, em cujas dimensões a «Renascença Portuguesa» era demais para caber.

*Pinharanda Gomes*

---

(37) Id., 349.

(38) Id., 343.